

# PDT sonha com Darcy Ribeiro no Buriti

Tina Coelho

ANA DUBEUX

O PDT/DF quer lançar o nome do senador Darcy Ribeiro (RJ) como candidato à sucessão do governador Joaquim Roriz nas eleições de 1994. Os pedetistas pensam também em convidar o prefeito de Curitiba, Jaime Lerner, e o ex-deputado federal Márcio Braga, para trocarem os seus domicílios eleitorais e concorrerem por Brasília ao Senado e à Câmara Federal. A escolha desses políticos de projeção nacional, segundo previsões dos dirigentes regionais, reacenderá a chama do partido e o colocará em pé de igualdade junto às demais forças progressistas, na disputa do próximo ano.

“Temos bons candidatos em nível local, mas a vinda desses companheiros reforçará nossas chances de vitória”, acredita um dos fundadores do partido no DF, José Vieira. O nome de Darcy foi aclamado durante encontro do PDT esta semana, em Brasília, que contou com a presença do cacique da legenda, o governador do Rio de Janeiro, Leonel Brizola. Caberá a ele, inclusive, a decisão de liberar ou não o senador para concorrer ao GDF. Só depois de uma conversa com Brizola, esta semana, Darcy dará uma resposta às lideranças locais.

Independente da facção, os pedetistas estão de dedos cruzados aguardando uma resposta positiva do senador. “Se ele topar, nossa chapa será imbatível. Darcy faz parte da história de Brasília, veio com JK e foi mentor intelectual e o primeiro reitor da UnB”, completa o coordenador da secretaria sindical do PDT/DF e presidente do Sindlerg, Mauro Dantas. Apesar das divergências, os dois grupos que dominam hoje a legenda em Brasília — a Unidade e a Força da Base — fecham questão quanto ao nome do senador. “Para nós seria excelente se ele aceitasse”, sustenta Alírio Neto, presidente da zonal do Guará.

**Cartorial** — As duas tendências também têm a mesma opinião sobre uma possível volta do ministro da Justiça, Maurício Corrêa, para as fileiras do partido. Afastado do PDT desde maio último, depois de uma briga com o governador Leonel Brizola, que teve seu ápice quando elogiou em cadeia nacional de rádio e TV a privatização da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), o ministro terá dificuldades de retornar ao PDT se depender das lideranças regionais. “Como disse

Brizola, ele se trocou por um prato de lentilha. Não aceito sua volta, a não ser que faça uma espécie de mea culpa, que se retrate usando os mesmos instrumentos que acabaram provocando sua saída”, rebate Mauro Dantas, para quem Maurício dominou durante anos o partido de forma cartorial. “Corrêa queria o PDT só para ele”, acusa, confessando que trabalhará contra um eventual regresso do ministro. “Estamos mais felizes sem o apoio dele”, completa.

Mais comedido ao falar sobre o retorno de Maurício Corrêa, o presidente regional do partido, deputado distrital Cláudio Monteiro, diz que “é uma decisão de cunho pessoal, que deve, porém, ser referendada ou não pelo PDT”. Preferindo manter-se distanciado da discussão, o parlamentar tomou o caminho mais fácil: “O quadro político evolui a cada dia; até março — época da convenção regional — muita coisa vai acontecer. Neste sentido, aliás, qualquer prognóstico que se faça estará fadado ao insucesso”, desconfia.

Como forma de comprovar que o partido hoje está mais organizado do que à época do ministro Corrêa, os dirigentes usam como justificativa a saída de pedetistas históricos, entre eles, os distritais Benício Tavares, Edimar Pireneus e Padre Jonas, que há dois anos passaram a apoiar o governador Joaquim Roriz. “Esse pessoal era contra a determinação do presidente do partido de não renovar a Executiva”, sustenta Alírio Neto, admitindo que atualmente a grande falha do partido também é não dar sequência ao processo de convenções.

Indiferente às críticas, o ministro parece mesmo interessado em ingressar no PSDB e levar junto vários ex-pedetistas. Evitando conversar sobre o assunto, Maurício Corrêa parece não ter pressa em decidir seu futuro político. Até porque tem a seu favor o prazo de 9 de janeiro próximo dado pela Justiça Eleitoral, para se desincompatibilizar, caso resolva concorrer às eleições. Até lá, ele se nega a comentar questões partidárias.

**Alianças** — Com ou sem Darcy Ribeiro, Jaime Lerner ou mesmo Maurício Corrêa, parcela dos líderes da legenda pensa em lançar candidatura própria ao Buriti. Outra, contudo, prefere pensar na hipótese de ter participação expressiva numa eventual aliança entre os partidos do chamado campo progressista. “A determinação do congresso nacional do PDT é de que nos unamos com antigos e fiéis aliados”, sus-



Os pedetistas do DF querem que o senador Darcy Ribeiro saia do Rio e dispute a sucessão de Roriz

tenta José Vieira. Os companheiros mais prováveis numa possível coligação tanto nacional quanto regional, segundo Mauro Dantas, podem ser PSB, PC do B, PV, PMN e PTB, legendas com quem os partidos têm mantido contatos frequentes.

O presidente do partido, Cláudio Monteiro, sustenta que “o quadro sucessório no Distrito Federal está colocado de forma embrionária, não se justificando, assim, nenhuma aliança no momento”. Ele adianta, contudo, que as coligações serão estudadas pela direção do partido e por sua militância. “Somente depois dessa avaliação poderemos indicar nossos aliados, mas admito acordo com nossos tradicionais parceiros do campo progressista, como ocorreu em 1990 com a Frente Popular”, frisa.

Para isto, segundo Cláudio Monteiro, o PDT está se organizando formalmente em todas as zonas, criando, paralelamente, núcleos de base em todas as cidades-satélites. “Vamos aglutinar os pedetistas e simpatizantes do partido em torno dos nossos ideais maiores. Só em março, definiremos se faremos alianças, como quer uma parcela do partido, ou se lançaremos candidatos em todos os níveis”.

**Brizola** — Um outro ponto une as facções do partido (Unidade e Força da Base): a candidatura de Leonel Brizola à Presidência da República. “Ele é nossa opção”, sustenta Alírio Neto. “Estamos juntos com Brizola”, reforça Mauro Dantas. De acordo com Cláudio Monteiro, o PDT regional está trabalhando no sentido de assegurar uma votação expressiva do governador do Rio para garantir sua vitória.

## Dois grupos dividem o partido

Unidos em torno do mesmo ideal: a candidatura de Leonel Brizola à presidência da República, os dois grupos que comandam o PDT regional — Força da Base e Unidade — embora vivam se digladiando internamente, acham que o partido partirá unido nas eleições de 1994. “Divergir faz parte do processo democrático”, explica José Vieira, que garante não pertencer formalmente a nenhuma das duas facções. “Em nome de um programa comum, eles erguerão a bandeira branca”, aposta.

Atualmente o PDT/DF está rachado: parte do partido integra uma ala liderada por um grupo que tem maioria de participantes, dentro da Câmara Legislativa e o outro na Câmara Federal. “Sou coluna do meio, participo das discussões dos dois e procuro tirar o máximo de proveito para tentar unir as forças”, confessa Vieira. Difícil mesmo, até mesmo para quem faz força para se manter no muro é descobrir que qual dos dois grupos está emperrando a realização das convenções, motivo constante das críticas entre as facções.

De um lado, Alírio Neto garante que seus companheiros sonham há muito tempo com a convenção, que há meses está prevista para ser realizada. Do outro, Mauro Dantas sustenta que seus aliados são defensores incondicionais da convenção. “Queremos estruturar o partido o mais rápido possível, sem convenções isto é impossível”. Acusado por alguns de ser o responsável pelo adiamento da reforma da executi-

va regional, Monteiro se defende: “Não é culpa minha, estamos seguindo o que foi determinado pela direção nacional”.

**Decisão** — Tanto as lideranças da Unidade quanto da Força da Base não chegam a responsabilizar diretamente o presidente regional, mas fazem cobranças e prometem tomar atitudes mais rígidas, caso uma decisão não seja tomada até final de janeiro. “Não podemos continuar indefinidos”, pondera José Vieira. Alírio Neto e Mauro Dantas concordam. Eles suavizam as críticas e sustentam que tudo isto faz parte do processo democrático.

Trabalhando em cima da hipótese de a convenção ser realizada em março, embora não se mostre irredutível em relação a outra data, o presidente regional salienta que em breve a campanha será intensificada. Com cerca de 6 mil filiados no DF, a legenda, segundo Cláudio, tem tudo para se consolidar nessas eleições.

Em relação à promoção da imagem do candidato do partido à Presidência, Leonel Brizola, Monteiro destaca que isto ficou caracterizado no programa regional que a legenda levou ao ar em cadeia de rádio e televisão no começo de novembro. “Tivemos oportunidade de colocar Brizola falando diretamente com a comunidade brasileira, foi um grande avanço, pois o DF tomou conhecimento da realidade do Rio de Janeiro, e não do que se propaga através de seus inimigos políticos”, recordou. (A.D.)